

Epistemologia das redes de comunicação: O tópico do testemunho cenário das redes online de comunicação

*Ronaldo Miguel da Silva**

A busca frenética por todo gênero de informação tem sido um fenômeno cada vez mais crescente nos atuais sistemas de comunicação. A falta de tiragem na internet é acompanhada por um grau sem precedentes de acesso por qualquer pessoa que possa estar conectada a uma rede virtual. Comparada a outros veículos de comunicação, a internet tem oferecido menos escrutínio e mais acesso, de modo que esse tipo de comportamento tem levantado suspeitas a respeito da confiabilidade dos seus sistemas, da veracidade das suas informações e da geração do conhecimento.

Pois bem. É justamento sobre o cenário das redes online de comunicação que pretendemos ensaiar algumas intuições. A proposta é verificar que problemas epistêmicos esse cenário apresenta. Caso existam, fazer uma relação entre as questões epistêmicas próprias dessas redes com as características padrão da epistemologia social: quais as características do conhecimento no cenário das redes? Podem-se identificar virtudes epistêmicas nesse cenário? Quem é o agente do conhecimento? Quais os indicadores do processo de racionalidade e qual o método de produção do conhecimento? Qual a natureza da justificação desse conhecimento? Como se produz justificação em redes? Estas são questões essenciais dessa pesquisa em andamento.

Nesse caminho, o objetivo é focar o debate sobre o tópico do testemunho, aplicando-o ao cenário de redes online de comunicação. Disso surgem as questões: devem as informações postadas nessas redes serem consideradas testemunho? Qual o grau de confiabilidade da testemunha e seus deveres epistêmicos? Qual a natureza dessa justificação testemunhal? Qual sua verificabilidade?

Para tanto, por questões metodológicas, seguiremos as intuições formuladas por Deborah Tollefsen num artigo intitulado “Wikipedia and the Epistemology of Testimony” (2009), relacionando-as com as de outros especialistas interlocutores. Para aplicar as reflexões às demandas de qualquer outro sistema semelhante, a ideia é partir do exemplo da Wikipedia. Por questão de tempo, o específico desta comunicação é, portanto, responder a seguinte questão – podem as informações postadas na Wikipédia serem consideradas testemunho?

1. Contextualizando o problema

A trajetória do testemunho é antiga e longa, no entanto, a problemática sobre o papel do testemunho na aquisição de crença e conhecimento foi uma questão filosófica relativamente negligenciada: acredita-se que isso aconteceu porque a epistemologia tradicional teve um sabor nitidamente individualista.¹ Sua redescoberta como fonte crucial de conhecimento reacendeu o

* Doutorando em Filosofia – PUCRS / miguelpuers@globo.com

¹ Cf. COADY, 1992.

interesse entre os epistemólogos. Na filosofia contemporânea essa matéria toma corpo e sistematiza-se como *Epistemologia do Testemunho*, cuja discussão é avaliar se o testemunho é uma forma básica de conhecimento, assim como a percepção, a memória e a razão; esclarecer qual o grau de confiabilidade da testemunha e seus deveres epistêmicos; e demonstrar o que confere a qualidade de justificada a uma crença baseada no testemunho.

Segundo Jennifer Lackey, a epistemologia do testemunho vem se estruturando de tal modo que é possível identificar algumas correntes ou visões teóricas a cerca da natureza do testemunho.² Não é o caso aprofundá-las para o momento, mas iremos expô-las por questão de método, em vista de darmos um passo adiante:

1. **A visão estreita da natureza do testemunho** – esta teoria conservadorista do testemunho define-o em termos da intenção do falante em apresentar provas para uma audiência sobre um assunto conhecido ou algo que esteja em disputa ou para os quais o público tenha necessidade de provas. Esta condição parece ser forte demais – postulada por Coady:³

Alguém testemunha ao declarar que p se e só se:

- i. A sua declaração de que p é uma prova para p e é oferecida como uma prova para p .
- ii. Ele tem competência relevante, autoridade ou credenciais para declarar realmente que p .
- iii. A sua declaração de que p é relevante em alguma questão disputada ou não resolvida e é dirigida àquele que está precisando de prova para o seu argumento.

2. **A visão larga da natureza do testemunho** – explicação mais liberal do testemunho que define-o como “narrativas no geral”, sem restrição de domínio. Parece ser uma vantagem em relação à visão estreita: (a) a declaração não precisa ser uma prova; (b) a declaração pode ser considerada testemunho, apesar da intenção do declarante em ser uma fonte epistêmica; (c) a declaração pode ser considerada testemunho, apesar da necessidade ou interesse epistêmicos do ouvinte – endossado por Elizabeth Fricker, Robert Audi e Ernest Sosa:⁴

Alguém testemunha ao declarar que p se e só se:

- i. A sua declaração de que p é uma expressão do seu pensamento de que p .

3. **A visão moderada da natureza do testemunho** – explicação que vincula o testemunho à crença – postulada por Peter Graham:⁵

Alguém testemunha ao declarar que p se e só se:

² CF. LACKEY, 2008, p. 13-14.

³ Cf. COADY, 1992, p. 42.

⁴ Cf. FRICKER, 1995, p. 396-397; Cf. AUDI 1997, p. 406; Cf. SOSA, 1991, p. 219.

⁵ GRAHAM, 1997, p. 227.

- i. A sua declaração de que p é oferecida como uma prova para p .
- ii. Ele pretende que seus ouvintes (ou espectadores) creiam que ele tem competência relevante, autoridade ou credenciais para declarar realmente que p .
- iii. Ele crê que a sua declaração de que p é relevante em alguma questão, que ele crê ser disputada ou não resolvida, e é dirigida aquele que ele crê que está precisando de prova para o seu argumento.

Depois de apresentar as três visões a cerca da natureza do testemunho, Lackey conclui que em todas elas subjaz a ideia de que a instancia do testemunho é fundamentalmente um comunicado, verbal ou escrito, dos pensamentos de um falante. Diante disso, Lackey deu um passo adiante em termos mais amplos do que as exigências impostas pelas visões anteriores e ofereceu uma explicação disjuntivista:

4. A visão disjuntiva da natureza do testemunho – postulada por Jennifer Lackey:⁶

S testemunha que p fazendo um ato de comunicação se e só se:

- i. S razoavelmente pretende transmitir a informação de que p em virtude de um conteúdo comunicável
- ii. ou é razoavelmente considerado na qualidade de transmitir a informação de que p .

Portanto, diferentemente das visões anteriores Lackey parece aceitar, e aqui está uma das suas peculiaridades, que não somente uma declaração, verbal ou escrita, constitui-se como conteúdo do testemunho, mas que, em certos contextos, as pessoas podem testemunhar sobre inúmeras coisas de diferentes graus de importância sem fazer declarações. Contextualizado, um aceno, umas palmas ou outro sinal qualquer, pode ser uma expressão de pensamento de uma pessoa que pretenda, com sucesso, comunicar uma informação.

Além disso, a explicação lackeyana permite o fato de que muitas vezes um enunciado irá transmitir informações e, portanto, oferecer-nos testemunho, mesmo quando o falante não tenha a intenção de testemunhar, como no caso de trabalho publicado postumamente a partir do qual obtemos informações sobre a vida do falecido. No entanto, sua visão também tenta acomodar a intuição de que, muitas vezes, testemunhar parece ser algo que as pessoas fazem intencionalmente.

Pois bem. Diante desse quadro demonstrativo sobre a natureza do testemunho surge a questão que é nosso foco para a apresentação de hoje: são as entradas/verbetes da Wikipedia testemunho? Vejamos o que segue.

2. A Wikipedia como fonte de testemunho

Segundo Tollefsen, nenhuma das teorias a respeito da natureza do testemunho – seja a visão estreita, a visão moderada, a visão larga ou a visão disjuntiva – exclui as entradas da Wikipedia do domínio do testemunho. Para endossar sua tese, exemplifica Tollefsen: “se me aproximo da minha

⁶ LACKEY, 2008, p. 30.

colega e peço-lhe para contar-me sobre a correspondência entre Hannah Arendt e Mary McCarthy e ela me diz que começou em 1949 e continuou até 1975, quando Arendt morreu, ela me ofereceu um testemunho”. E continua logo em seguida: “Eu poderia ter recebido esta informação da Wikipedia também”.⁷ Para Tollefsen, se a informação transmitida pessoalmente por sua colega é testemunho, e está adequada às exigências, em algum modo, da natureza do testemunho, é difícil diferenciar por que não contaria como testemunho a mesma informação, simplesmente porque ela aparece escrita na Wikipédia.

Continua a argumentar, Tollefsen, afirmando que:

- i. muitos verbetes da Wikipedia são escritos com a intenção de transmitir informações;
- ii. os verbetes podem servir como prestação de provas;
- iii. ou razoavelmente podem ser considerados na qualidade de transmitir uma informação ou provas.⁸

A partir dessa concepção larga a cerca do testemunho, Tollefsen reivindica que o fato de alguém fornecer pessoalmente uma informação não tem muita diferença se essa mesma informação estiver disponível em rede on-line. Os conteúdos postados em sistemas de rede online também têm a intenção de transmitir informações e podem, razoavelmente, servir como prova sendo, portanto, qualificado como testemunho.

A princípio, o cenário aparenta não apresentar grandes problemas. Parece, então, estarmos diante apenas de uma dificuldade de ordem prática, ou seja, a questão parece ser sobre a forma como é dada o testemunho – pessoalmente, por meio de livro, de TV, de rádio, de jornal, ou por meio da internet. Porém, no exemplo da Wikipedia, em particular, o caso não é tão simples quanto aparenta. Surgem algumas objeções que pretendem desqualificá-la como fonte de testemunho.

3. Dificuldades e objeções

Existem alguns impasses que parecem desautorizar as informações disponíveis na Wikipédia de serem consideradas como testemunho.

Primeiro. Uma forte objeção às conclusões de Tollefsen diz respeito à teoria que versa sobre “o ponto de vista da garantia do testemunho”, desenvolvida pelo filósofo americano Richard Moran. Ele identifica o falante como epistemicamente responsável por seu testemunho: testemunhar é convidar o outro a confiar em você; o ato de testemunhar e a garantia são a mesma coisa. Com essa garantia vem o direito do ouvinte questionar, repreender e pedir explicações. A existência desse tipo de resposta sugere que o depoimento é uma relação normativa e que os indivíduos que não são capazes de apreciar estas normas não devam ser considerados declarantes.⁹ Sendo assim, uma vez que a testemunha da Wikipédia é anônima e, por isso, não cumpre com o dever epistêmico da garantia do

⁷ TOLLFESEN, 2009, p. 9.

⁸ Cf. TOLLEFSEN, 2009, p. 9.

⁹ Cf. MORAN, 2006, p. 272-306.

testemunho, a Wikipedia é, portanto, invalidada como testemunha, dada a impossibilidade de imputar obrigações epistêmicas sobre o declarante.

Segundo. Na verdade, a objeção moraniana não é a única. Outra objeção similar pode ser encontrada no filósofo americano Kevin Brad Wray.¹⁰ Ele analisa a confiabilidade da Wikipedia, através de um exame comparativo entre as informações oferecidas pela Wiki e aquelas outras informações que obtemos através do testemunho. Seu estudo se baseia nas formulações de Richard Foley (1994) sobre o “egoísmo epistêmico”. Foley elabora dois pontos de vista:

A) A visão tradicional do egoísmo epistêmico: sob esse ponto de vista, crenças baseadas no testemunho só se justificam, assegura Richard Foley, se houver:

- i. alguma evidência que suporte a afirmação declarada ou
- ii. alguma evidência que suporte a autoridade epistêmica do declarante.¹¹

Por exemplo, quando alguém me afirma que vai chover, posso olhar para céu e perceber sinais que evidenciam as condições favoráveis para um temporal. Além disso, quando um médico me dá razões para crer que tive contato com alguma planta venenosa, uma vez que ele diagnostica que eu tenho uma erupção já causada por uma determinada planta venenosa.

B) A visão alternativa é a visão do não-egoísmo epistêmico: sob esse ponto de vista é razoável crer, por vezes, no testemunho de alguém, mesmo quando não se tem:

- i. evidência de que a testemunha é confiável nem
- ii. comprovação independente para apoiar o testemunho recebido.¹²

Por exemplo, mesmo que o céu não aparente sinais que evidenciem a chegada de uma chuva, o simples fato de que um estranho me afirme que um temporal está chegando me dá razão para acreditar que isso está para acontecer, entre outras coisas iguais.

Foley defende o não-egoísmo epistêmico. Kevin Wray, então, passa a aplicar as duas formulações de Foley à estratégia da confiabilidade da Wikipedia, vejamos:

Começando com a visão do egoísmo epistêmico – de um lado, se alguém tem evidência em apoio ao que é relatado na Wikipedia, considera Wray, é a evidência independente que realiza a maior parte do trabalho epistêmico; de outro lado, por não saber nada sobre o caráter e a forma de transmissão do testemunho do contribuinte da Wikipedia, uma vez que é anônimo, então o modelo de justificação do testemunho exigido aqui não parece aplicável à Wiki.¹³

¹⁰ Cf. WRAY, 2009.

¹¹ Cf. FOLEY, 1994, p. 54-55.

¹² Cf. Ibidem, p. 54-55.

¹³ Cf. WRAY, 2009, p. 46.

Passando à visão do não-egoísmo epistêmico – o problema que se apresenta aqui é que nem tudo o que é postado na Wiki pode ser considerado relato verdadeiro, devido a certa tendência ao cibervandalismo. Pode-se contra-argumentar que Wray esteja exigindo um padrão excessivamente elevado da Wiki, uma vez que muitas fontes populares de informação contêm falsidades, mas a isso ele responde que “muitas vezes temos algum sentido da pessoa ou das pessoas que estão atrás das mensagens nos outros contextos. Com a Wikipedia, entretanto, não há uma pessoa por trás da declaração”.¹⁴

Na verdade, prova testemunhal, tanto sob o ponto de vista da visão do egoísmo epistêmico quanto do não-egoísmo epistêmico, corresponde ao testemunho de um determinado indivíduo. No entanto, a Wikipedia e a cultura em torno dela se dão numa situação em que a ligação entre a informação e a intencionalidade das pessoas responsáveis por sua postagem é muito tênue. Assim, parece improvável construir uma justificação convincente para as informações postadas na Wikipedia, segundo o modelo de justificação de crenças formadas com base no testemunho de um agente. Desse modo, conclui Kevin Wray, a integridade epistêmica da Wikipedia parece minada de dúvidas.

4. Em defesa da confiabilidade da Wikipedia

Em resposta a Moran, Tollefsen argumenta que no caso dos artigos postados, cada adição e reedição é rastreada e identificada como uma emissão realizada por um usuário específico. Apesar de sua identidade real está escondida, a sua identidade on-line é gerada. Ao publicar um verbete, o autor fica sujeito à revisão de conteúdo por outros contribuintes, devendo responder às críticas formuladas, a fim de evitar que seu verbete seja alterado ou removido. A própria discussão pública do conteúdo do verbete, pela natureza aberta, dinâmica e democrática da rede Wiki, sugere que existe uma forma de questionar o autor. Se o autor não é alcançado ou não puder responder, o verbete será modificado por outros contribuintes que irão corrigir a falsidade. Além disso, embora os administradores apelem aos votos da maioria para resolver os conflitos, grande parte das decisões sobre conteúdos e procedimentos é feita através da abordagem do consenso sobre a coerência, seu principal mecanismo político. Aqui se instaura o princípio epistêmico da coerência como conducente à verdade. Toda essa dinâmica assegura que seus membros estão conscientes dos objetivos, diretrizes e vantagens a compartilhar, bem como das obrigações, tarefas e responsabilidades a cumprir. A Wiki é um lócus onde a possibilidade da publicação se traduz na probabilidade do debate, da aprovação ou da repreensão. O fato de que a política do programa torne difícil saber quem está a dar a sua garantia não é evidência de que as suas demonstrações não envolvam garantias. Portanto, para Tollefsen, a Wikipedia não é de todo modo incompatível com a teoria do ponto de vista da segurança e da garantia, elaborada por Moran.¹⁵

¹⁴ WRAY, 2009, p. 46.

¹⁵ Cf. TOLLEFSEN, 2009, p. 10-11.

Em resposta a Wray, Tollefsen adotada uma explicação menos restritiva acerca do testemunho. Ela retoma o pensamento lackeyano, no seguinte sentido: a) qualquer expressão de pensamento de uma pessoa que pretenda, com sucesso, comunicar uma informação pode ser considerada testemunho; b) informações que obtemos cotidianamente podem servir de testemunho, mesmo que não haja intenção do falante em testemunhar; c) embora o testemunho indique, muitas vezes, que uma testemunha acredita, nem todas as afirmações são expressão de crença e, assim, nem todo testemunho é uma expressão do que uma testemunha acredita. À objeção a respeito do cibervandalismo levantada por Wray, Tollefsen contra-argumenta que, como afirma Lackey, não há exigência da intencionalidade para transmitir informações; além disso, a objeção de Wray parece também fazer a ligação muito forte entre testemunho e crença. Embora testemunho indique, muitas vezes, o que o falante acredita, nem todas as afirmações são expressões de crença e, portanto, nem todo testemunho é uma expressão do que um declarante acredita. Se assim fosse, não haveria possibilidade de testemunho insincero.

5. Algumas considerações

Nossas considerações finais servirão mais como indagações do que como conclusões.

Vimos que as condições sociais oferecem uma boa base para o conhecimento. Nesse sentido, que o testemunho é um dos correspondentes dessa ordem social e pode, privilegiadamente, ser considerado como via de conhecimento.

Expomos um quadro mosaico sobre as diferentes visões acerca da natureza do testemunho, abordando resumidamente seus constitutivos e suas prerrogativas.

Acompanhamos, por ordem metodológica, os pensamentos de Deborah Tollefsen no seu artigo “Wikipedia and the Epistemology of Testimony” (2009), no qual conclui que a Wikipedia corresponde aos padrões exigidos para o domínio do testemunho. Para tanto, apresenta suas ideias e parece responder adequadamente às objeções. No entanto, Tollefsen parece requerer um custo muito alto para seus argumentos, tais como: adotar uma visão muito larga acerca da natureza do testemunho; apostar numa política eficaz de rastreamento, verificabilidade e monitoramento da confiabilidade da Wikipedia; e abrir mão das obrigações morais ou epistêmicas diretamente relacionadas ao indivíduo para comprar um pacote de normas epistêmicas relacionadas a operacionalização de sistemas epistêmicos que não centralizam-se exclusivamente no elemento juízo humano.

Enfim, diante de tudo o que vimos parece não ser absurdo postular a ideia de que uma dada performance do testemunho deva ser estabelecida sob uma determinada concepção de natureza de testemunho. Parece possível afirmar que uma epistemologia do testemunho depende, antes e diretamente, da sua postulação de concepção da natureza do testemunho. Desse modo, será possível falar de tipos de natureza de testemunho? Será possível averiguar a plausibilidade da diferença do desempenho do testemunho quando oferecido por um indivíduo pessoalmente, por um indivíduo via

intermediação técnica, por grupos, ou por dispositivos computacionais? A performance do testemunho nesse casos particulares não estaria atrelada à relação entre um determinado tipo de postulação de sua natureza e a adequação às suas estruturas? Todas essas são intuições de iniciante que precisam ser ainda melhor formuladas.

Referências bibliográficas

- AUDI, R. (1997). *The Place of Testimony in the Fabric of Knowledge and Justification*. In: *American Philosophical Quarterly*, v. 34, n. 4, p. 405-422. Oct/97.
- COADY, Charles A. J. (1992). *Testimony: A Philosophical Study*. Oxford: Clarendon Press.
- FOLEY, Richard. (1994). *Egoism in Epistemology*. In: SCHMITT, F. (ed.) *Socializing Epistemology*. Lanham: Rowan & Littlefield Publisher, p. 53-73.
- FRICKER, Elizabeth. (1995). *Critical Notice - Telling and Trusting: Reductionism and Anti-Reductionism in the Epistemology of Testimony*. In: *Mind - A Quarterly Review of Philosophy*, n. 104, p. 393-411. Apr/95.
- LACKEY, Jennifer. (2008). *Learning from Words: Testimony as a Source of Knowledge*. Oxford: Oxford University Press.
- MORAN, R. (2006). *Getting Told and Being Believed*. In: LACKEY, J.; SOSA, E. (eds.) *The Epistemology of Testimony*. Oxford: Oxford University Press, p. 272-306.
- PETER, Graham. (1997). *What is Testimony?* In: *The Philosophical Quarterly*, v. 47, n. 187, p. 227-232. Apr/97.
- SOSA, Ernest. (1991). *Knowledge in Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TOLLEFSEN, D. Perron. (2009). *Wikipedia and the Epistemology of Testimony*. In: *Episteme: A Journal of Social Epistemology*, v. 6, n. 1, p. 01-07. Feb/09.
- WRAY, Kevin Brad. (2009). *The Epistemic Cultures of Science and Wikipedia: A Comparison*. In: *Episteme: A Journal of Social Epistemology*, v. 6, n. 1, p. 38-51. Feb/09.